

PRN tenta seduzir Covas

CARMEN KOZAK

Antes mesmo da proclamação do resultado oficial do primeiro turno da eleição presidencial, os articuladores da campanha de Fernando Collor de Mello (PRN) estão colocando em prática uma estratégia que tem o objetivo de atrair o apoio do PSDB e do senador Mario Covas. Para tanto, o líder do PRN na Câmara, Renan Calheiros (AL), disse ontem que o partido "está aberto a alianças, desde que assegure o perfil de centro-esquerda e o programa social-democrata do candidato. O PRN sabe que não poderá governar sozinho e, por isso, queremos a adesão de todos os setores de centro, centro-esquerda e esquerda", disse, admitindo a disposição de conversar até mesmo com o PCB de Roberto Freire.

A afirmação de Renan Calheiros é, antes de mais nada, uma forte alteração no discurso do candidato que se lançou à sucessão sem delinear um perfil ideológico ao partido que criou para disputar a eleição presidencial, mas que, pelas adesões que recebeu, é nitidamente conservador. Tanto o é que a base parlamentar de Collor no Congresso Nacional é formada, basicamente, pelo grupo que sustentou na Constituinte as teses conservadoras do Cetrão e garantiu ao presidente José Sarney o mandato de cinco anos.

O objetivo desta estratégia que tenta conduzir a candidatura Collor para a social-democracia e para centro-esquerda é tornar tranqüila e garantir a travessia do 2º turno. Afinal, o senador Mario Covas está conseguindo um desempenho surpreendente até mesmo para os "tucanos", chegando a aproximadamente 11% dos votos. Mesmo que o próprio senador se negue a aceitar esta composição, os articuladores da can-

didatura Collor acreditam que nomes de peso do PSDB embarcarão na campanha "collorida". Também não é para menos: o canto de sereia nada mais é do que a admissão, por parte de Collor, de que o "PRN não tem quadros para governar sozinho". Isso garantiria aos "tucanos" que o apoiarem uma participação expressiva no Governo.

Sem ideologia — Ao mesmo tempo que tenta explicar que a social-democracia e o perfil de centro-esquerda "sempre foram a síntese da candidatura Collor", o deputado Renan Calheiros utiliza o argumento de que "essa eleição passa à margem das questões ideológicas". A incongruência ocorre porque Collor pretende continuar utilizando na campanha o discurso do "antipolítico", que só vê como solução para a crise econômica do País a união de forças independentemente da ideologia. Segundo Calheiros, o distanciamento destas questões "impede maniqueísmos políticos que confundem o eleitor".

Apesar de tentar proclamar esquerda a candidatura do ex-governador Collor de Mello — que começou sua carreira política na Arena, passou pelo PDS e PMDB antes de fundar o PRN — o deputado Renan Calheiros não conseguiu deixar claro que forças políticas serão rejeitadas nesta composição para o 2º turno. Disse apenas que não serão aceitos "políticos de formação notória de direita", preferindo não descartar a adesão ambicionada, por exemplo, por Paulo Maluf.

Se realmente Collor estiver disposto a rejeitar o apoio dos setores de direita, o 2º turno da eleição ocorrerá em uma situação, no mínimo, curiosa, pois já é certo que o seu oponente terá a sustentação da esquerda e centro-esquerda históricas — seja Brizola, seja Lula.